



## GESTÃO UNIVERSITÁRIA – CIGU

### A Gestão do Conhecimento e os Novos Modelos de Universidade

Florianópolis – Santa Catarina – Brasil  
3, 4 e 5 de dezembro de 2014.

ISBN: 978-85-68618-00-4

## UNIVERSIDADE: A CONCEPÇÃO DO CURSO DE BACHARELADO EM TURISMO DA UFPEL E O ESTÁGIO CURRICULAR

**Dalila Rosa Hallal**

Universidade Federal de Pelotas - UFPel  
[dalilahallal@gmail.com](mailto:dalilahallal@gmail.com)

**Dalila Müller**

Universidade Federal de Pelotas - UFPel  
[dalilam2011@gmail.com](mailto:dalilam2011@gmail.com)

**Tania Elisa Morales Garcia**

Universidade Federal de Pelotas - UFPel  
[tanisa@uol.com.br](mailto:tanisa@uol.com.br)

**Maria da Graça Gomes Ramos**

Universidade Federal de Pelotas - UFPel  
[mggramos@gmail.com](mailto:mggramos@gmail.com)

### RESUMO

Este texto parte de inquietações e reflexões formuladas por nós, enquanto docentes do Curso de Bacharelado em Turismo da Universidade Federal de Pelotas. Tais reflexões dizem respeito a como vem sendo pensado e organizado os estágios no Curso de Bacharelado em Turismo – UFPEL Ensino Superior. O presente trabalho configura-se como uma pesquisa exploratória, envolvendo levantamento bibliográfico, desenvolvido com base em material já elaborado e pesquisa documental. A análise documental foi realizada buscando identificar informações factuais nos documentos a partir de questões de interesse. O papel da universidade na sociedade, a concepção de um curso de Bacharelado em Turismo, a formação do Bacharel em Turismo, objetivos do estágio, principais competências a desenvolver, bem como alguns dos posicionamentos teóricos em relação a cada um destes aspectos, são questões debatidas ao longo do artigo. Nosso objetivo é, então, problematizar estas questões, procurando vislumbrar possíveis alternativas de ação que sejam capazes de, simultaneamente, repensar os cursos na relação consigo mesmo, na sua relação com os outros e com a sociedade.

**PALAVRAS-CHAVES:** Universidade. Formação profissional. Bacharelado em Turismo. Estágio

## **INTRODUÇÃO**

Este artigo pretende apresentar algumas inquietações de nossa prática docente, que acreditamos merecer um espaço privilegiado de discussão e reflexão. A questão sobre o papel da universidade na sociedade é uma delas e de importância central, pois é a partir desta visão que concebemos um Curso de Bacharelado em Turismo, que construímos a ideia da formação que este bacharel deve ter e do que acreditamos ser a sua contribuição à sociedade.

Tem como objetivos problematizar as seguintes questões: o papel da universidade na sociedade, a concepção de um curso de Bacharelado em Turismo, a formação do Bacharel em Turismo, objetivos do estágio curricular, principais competências a desenvolver, bem como alguns dos posicionamentos teóricos em relação a cada um destes aspectos, procurando vislumbrar possíveis alternativas a nossa prática docente.

Posteriormente o estudo aborda uma discussão sobre a importância do estágio, curricular e a visão dos alunos sobre o estágio realizado, como parte integrante da formação profissional dos alunos dos cursos de graduação em Turismo.

O presente trabalho configura-se como uma pesquisa exploratória, envolvendo levantamento bibliográfico, desenvolvido com base em material já elaborado e pesquisa documental nos relatórios de estágios dos alunos de graduação em Turismo da UFPel no 1º semestre de 2014. A análise documental foi realizada buscando identificar informações factuais nos documentos a partir de questões de interesse.

Sendo a Universidade responsável pela formação técnico-científica da comunidade na qual está inserida, a interação entre a Universidade e a comunidade deve ser voltada para a sociedade. Esta interação pode ocorrer através de várias formas, dentre elas, o estágio, que possibilita uma interação entre o meio acadêmico e a sociedade, objetivando a inserção do estudante no cenário onde se desenvolve a ação. Estágio é ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos. (Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008.)

Acredita-se que a teoria torna-se significativa quando se afirma ou se constrói com a prática refletida, portanto, o estágio enquanto uma forma de interação social é indispensável para que o processo ensino-aprendizagem se efetive, uma vez que os conhecimentos servem para a solução de problemas concretos que afligem a sociedade. Os problemas identificados a partir do estágio podem representar um impulso inicial para a investigação científica. Espera-se, assim, dar o mote para uma discussão que, não se podendo circunscrever à Universidade, deve ter nela o seu principal promotor.

## **O ESTAGIO CURRICULAR ENQUANTO PRÁTICA PEDAGÓGICA**

Não há um conceito único e universalmente válido de universidade, nem suas funções são as mesmas em tempo e espaço diferentes. Porém, faz-se necessário tornar claro qual a visão de universidade compartilhada pelas autoras.

A universidade pode relacionar-se com a sociedade de várias formas, mas vamos tomar por base que o sistema de ensino serve à sociedade na qual está inserido; e, gozando de autonomia, mantém uma relação criativa com a sociedade. Essas duas dimensões são compatíveis na medida em que a educação superior busca encontrar respostas para muitos problemas da sociedade e induz mudanças e progressos importantes (NEVES, 1992; KULLOK, 2001).

No mesmo sentido, Belloni (1992, p. 73-4) salienta que a universidade tem a função de gerar saber que seja, tanto, voltado para o avanço da fronteira da ciência, da arte, da cultura quanto para o encaminhamento da solução dos problemas atuais e prementes dos grupos sociais majoritários. O compromisso deve ser com a humanidade como um todo e, simultaneamente, com as questões imediatas e/ou com as situações específicas. Assim, este saber deve ser:

Um saber comprometido com a verdade porque ela é a base de construção de conhecimento. Um saber comprometido com a justiça porque ela é a base das relações entre os humanos. Um saber comprometido com a beleza porque ela possibilita a expressão da emoção e do prazer, sem o que a racionalidade reduz o humano a apenas uma de suas possibilidades. Um saber comprometido com a igualdade porque ela é a base da estrutura social e inerente à condição humana. Um saber comprometido com o verdadeiro, o justo, o belo é, em verdade, um compromisso com a transformação da sociedade, pois estes não são os valores predominantemente estabelecidos e praticados na organização da vida humana, apesar de lhe serem próprios e inerentes. ...de gerar saber comprometido com a ruptura e a inovação e, neste sentido, sua característica dominante é a busca do desconhecido, do inédito; por consequência a criação de algumas das condições para a transformação [da sociedade] ...(Op cit, p.73-4)

Paviani (1986) reforça que os conhecimentos proporcionados pela universidade devem servir para a solução dos problemas concretos que afligem o homem e a sociedade; não podemos esquecer os problemas e ficarmos apenas com a solução que resultou deles, pois, desta forma assumimos o risco de ensinar conteúdos que já não têm utilidade ou sentido, o que contraria a ideia de que o conhecimento deva contribuir qualitativamente na melhoria material e cultural da vida humana.

Nesta perspectiva ressalta-se que a universidade mais do que habilitar estudantes para atuar como profissionais no mercado de trabalho, deve formá-los homens, cidadãos e profissionais — homens pensantes — que busquem continuamente novos caminhos e que sejam capazes de influir sobre a realidade onde vão atuar, numa perspectiva de mudança, a partir de uma visão crítica desta mesma realidade. (FÁVERO, 1995).

Para que isso aconteça uma das propostas pedagógicas sugeridas por Paviani (1986) é a de assumir uma atitude indagadora, problematizadora; é preciso construir um programa de ensino como uma espécie de programa de pesquisa, procurando ir além da própria revisão bibliográfica e da revisão experimental de determinados conhecimentos adquiridos. Deveria se caracterizar por uma atitude crítica, uma atitude de investigação. É essa atitude voltada para o aumento do conhecimento científico que podemos denominar de problematização. O importante é ensinar o processo de investigação científica e não o resultado da ciência. Para tal, o próprio conhecimento adquirido precisa ser problematizado, ser colocado em confronto com a realidade, verificando até que ponto podemos explicar ou interpretar com esses conhecimentos o mundo que nos cerca.

A problematização como postura pedagógica visa a reconstituir criticamente o processo do conhecimento desde o surgimento até a solução do problema ou soluções que por sua vez poderão originar novos problemas.

Nossas inquietações nasceram a partir do próprio curso onde lecionamos e onde sentimos necessidade de repensá-lo, visando ao conhecimento, à discussão conjunta e à tomada de decisão, possibilitando uma proposta pedagógica, que contribua para a formação de um profissional que tenha um compromisso social, uma vez que temos consciência da complexidade de uma formação integral capaz de responder aos desafios contemporâneos.

Nessa visão, considerando a complexidade de uma formação que gere mudanças, infere-se a importância de discutir perspectivas frente ao curso de bacharelado em turismo a

partir de uma reflexão sistemática e contínua, que permita um maior aprofundamento das atividades pedagógicas, a qual embasará rumos e valores a serem seguidos pelo curso.

Segundo Trigo (1998, p. 178) a formação profissional em turismo não está desvinculada da educação em geral, de suas novas faces, perspectivas e dificuldades.

Ansarah (2001) adverte que na educação universitária em turismo:

Infelizmente não existe hoje a preocupação voltada para a consciência crítica dos alunos, tampouco para o desenvolvimento do pensamento crítico, mas sim do imediatismo profissional, da sua experiência prática tão requisitada pelo mercado de trabalho. (ANSARAH, 2001, p. 13)

Convém também salientar Trigo (2002, p. 21) quando discute os cursos de bacharelado em turismo e diz que a academia não deve preparar profissionais apenas para o mercado, mas para a sociedade geral, trabalharmos com turismo em um país como o nosso, com altos índices de concentração de renda, violência, ignorância e corrupção precisa de conhecimentos acompanhados dos conceitos de ética, educação integral, sustentabilidade e cidadania.

Uma crítica que é normalmente lançada à Universidade é a de que ela não estaria em compasso com o mercado de trabalho. Mas o que significaria na sociedade atual “preparar para o mercado de trabalho”? De que mercado estamos falando? Em uma sociedade extremamente mutante, dinâmica como a nossa, em que carreiras e profissões surgem, se modificam e desaparecem em um piscar de olhos, preparar os estudantes para o mercado, não significa dar-lhes um prazo de validade — que pode ser de alguns anos ou quem sabe expire antes mesmo da data de formatura? Lançaríamos os mesmos ao mercado, já ultrapassados, obsoletos?

Atualmente as mudanças ocorrem de maneira vertiginosa nos mais diversos campos do conhecimento, em decorrência do contínuo progresso da tecnologia e das ciências. O dinamismo destas mutações impõe aos profissionais constante atualização e aperfeiçoamento em suas áreas de atuação. Isto se houver por parte deles consciência da responsabilidade que lhes cabe no contexto da sociedade. Em uma sociedade mutante, como a de hoje, prepará-los nos termos do mercado de trabalho seria, no mínimo, inadequado.

Afinal, como nos diz Ribeiro (2003, p. 38) “se é impossível, hoje, que o tempo se acelerou e a crise se tornou norma em vez de exceção, prever os destinos profissionais, se nem os especialistas do mercado de trabalho nem os simples leigos podem mais garantir muita coisa, por que gastar tanta energia fazendo-o? ... Não seria então melhor ... formar pessoas para a mudança, capacitá-las para a crise ...?”.

A formação que a universidade pode dar à grande maioria de seus estudantes, aqueles que nelas fazem um curso de graduação com vistas a um diploma que os capacite para o mercado de trabalho, deve levar em conta que nunca esse mercado foi tão fluido e imprevisível quanto hoje. (RIBEIRO, 2003)

Tanto a sociedade como o mercado precisa de “gente que pense”, de filósofos do cotidiano treinados e experientes para atuar em face de novos desafios, dificuldades e oportunidades. (TRIGO, 1998, p. 39). A educação deve ser centrada na capacidade do aluno pensar e se expressar claramente, resolver problemas e tomar decisões. (Op cit, p. 191)

Uma possibilidade para o desenvolvimento de tais habilidades é através do estágio. A definição do estágio como uma experiência de formação estruturada e como um marco fundamental na formação e preparação dos alunos para a entrada no mundo profissional, tem sido uma noção largamente difundida entre os acadêmicos, entidades empregadoras e os próprios alunos (ALARCÃO, 1996; CAIRES & ALMEIDA, 1997; PIRES, 1998; PRICE, 1987; RYAN ET AL., 1996; VEALE, 1989). Muito embora assim considerado pelos diferentes agentes

envolvidos neste processo, poucos são os estudos e, conseqüentemente, as evidências empíricas que permitem corroborá-lo (TURNEY, 1988). A reforçá-lo estão as múltiplas interrogações que se levantam relativamente ao sentido dos estágios na formação dos alunos do Ensino Superior e a indefinição do papel das Universidades na profissionalização dos alunos.

O debate sobre o papel do estágio na formação profissional do turismólogo coloca em cena uma discussão mais ampla: o lugar que deve assumir a prática em nossa disciplina e a vinculação que esta deve ter com a teoria. Gostaríamos de fazer algumas considerações sobre esses dois aspectos, que consideramos fundamentais para o processo de definição do caminho que deveremos traçar para formar profissionais capacitados para enfrentar os problemas e as dificuldades geradas por nosso objeto de estudo.

Um dos esforços realizados no sentido de analisar essa questão no Curso de Bacharelado em Turismo da UFPel passa pela maior articulação entre a experiência de trabalho e a formação teórica veiculada no contexto universitário, surgindo o estágio como um espaço privilegiado para a sua concretização.

A prática, apesar de sua autonomia, não fala por si mesma, isto é, não é diretamente teórica (VÁSQUEZ, 1968, p. 234-237). A busca da compreensão da prática apenas como prática, separada da teoria, leva-nos a um certo pragmatismo e distorce o caráter de ação consciente e ação refletida impossibilitando-nos de alcançar a síntese, que é o elemento fundamental do pensamento e o que atribui o caráter de concreticidade. Mas um acento maior na teoria e a separação da prática leva-nos ao estágio da abstração ou contemplação. Destacar mais um desses elementos nos encaminha para o senso comum, que esconde ou dissimula muitos aspectos básicos à compreensão da realidade, por simplificar demais as coisas na maioria das vezes (PEREIRA, 1995, p. 74-75). E a teoria que não se enraiza neste pressuposto não é teoria porque permanece no horizonte da abstração.

A prática é fundamento da teoria ou seu pressuposto. Ela evidencia, em seu sentido mais amplo, o caráter de alicerce da teoria na medida em que esta se encontra vinculada às necessidades práticas do homem. As exigências da prática contemporânea constituem uma importante fonte de desenvolvimento da teoria (VÁSQUEZ, 1968, p. 222).

A teoria, entretanto, não pode ser reduzida às exigências e necessidades de uma prática existente. Dessa forma, ela não poderia adiantar-se à prática e, portanto, influir – inclusive decisivamente - em seu desenvolvimento (VÁSQUEZ, 1968, p. 232).

Estes dois fatos, a prática enquanto fonte e como finalidade da teoria, demonstram que as relações entre teoria e prática não podem ser entendidas de maneira simplista ou mecânica. E a separação, a dissociação, a desvinculação entre a teoria e a prática segmentam e hierarquizam o saber. O ensino sustentado nessas bases torna-se desconectado de um contexto mais amplo, aumentando o hiato entre este e a prática profissional.

O ensino do fenômeno turístico não pode, assim como todos os outros, privilegiar nenhum desses dois aspectos (teoria e prática), mas, pelo contrário, deve encontrar o instante de sua vinculação. E ele somente adquire um alto grau de profissionalismo quando existe uma nítida vinculação entre a teoria e a prática.

As Diretrizes Curriculares Nacionais recomendam aos cursos superiores: contemplar orientações para as atividades de estágio e demais atividades que integrem o saber acadêmico à prática profissional, incentivando o reconhecimento de habilidades e competências adquiridas fora do ambiente escolar; e contribuir para a inovação e a qualidade do projeto pedagógico do ensino de graduação, norteando os instrumentos de avaliação. Assim, estágio é parte integrante da formação profissional em Turismo.

O Ministério da Educação através do Conselho Nacional de Educação (2002) evidencia que as Diretrizes Curriculares Nacionais devem observar vários princípios, dentre

eles: fortalecer a articulação da teoria com a prática, valorizando a pesquisa individual e coletiva, assim como os estágios e a participação em atividades de extensão, as quais poderão ser incluídas como parte da carga horária.

Este artigo constitui-se em subsídio para reflexão a respeito de questões referentes ao estágio nos Cursos de Bacharelado em turismo e a visão dos alunos sobre o estágio realizado, como parte integrante da formação profissional.

O estágio deve ser pensado tendo-se presente o papel social da universidade. Assim, a concepção de estágio e os princípios que o orientam são determinados a partir da filosofia da Universidade e o projeto pedagógico no qual o curso está inserido. Neste estudo parte-se do princípio de que a Universidade, bem como o estágio, estão intrinsecamente articulados com a realidade.

Conforme Belloni (1992), a universidade tem a função de gerar saber que seja ao mesmo tempo voltado para o avanço da fronteira da ciência, da arte, da cultura e voltado também para o encaminhamento da solução dos problemas atuais e prementes dos grupos sociais majoritários. O compromisso é com a humanidade como um todo e, simultaneamente, o compromisso é com questões imediatas, com situações específicas.

Paviani (1986) propõe a problematização do conhecimento adquirido, ou seja, o conhecimento deve estar em constante confronto com a realidade, procurando verificar até que ponto podemos explicar ou interpretar com esses conhecimentos o mundo que nos cerca.

Nesta perspectiva, o estágio é um componente fundamental de interação social, proporcionando o confronto com a realidade e estabelecendo uma reflexão da prática a luz da teoria.

Desenvolvido em situação real de vida e trabalho, o estágio distingue-se de outros elementos do processo de que é parte integrante, portanto, julga-se o estágio uma forma de interação social, onde o aluno compartilha conhecimentos com outros profissionais, com professores orientadores e supervisores, com a comunidade em geral e com demais pessoas que participam do cenário onde se desenvolve o estágio.

A experiência do curso de Bacharelado em Turismo da UFPel nos coloca algumas questões. O estágio expõe o aluno a situações que constantemente adicionam perspectivas, testam a sua capacidade, o seu senso crítico, e os tornam atentos aos movimentos e tendências dos atores sociais que compõem o cenário onde se desenvolve a ação, na medida em que é parte integrante do processo de ensino-aprendizagem.

Toschi (1996, p.14) corrobora com a ideia acima, quando afirma que: “As interações educativas, bem definidas, asseguram a construção do conhecimento, o que não permite afirmar que elas são espontâneas na vida cotidiana, pois exigem comunicação, negociação, argumentação e cálculo estratégico; obrigam aos participantes a explicar o que está implícito para eles, a se dar conta do conhecimento e das estratégias de outrém, a articular seus pontos de vista, a superar os conflitos cognitivos ou a resolver problemas novos”.

No entanto, conforme os relatórios dos alunos, o campo de estágio não oferece, salvo raras exceções, condições de aprendizagem prática condizente, delegando ao estagiário a execução de tarefas que os funcionários da empresa não querem executar, e tarefas rotineiras e mecânicas, não lhe assegurando supervisão de estágio. Não há uma orientação clara dos trabalhos e nem treinamento prévio para a execução das tarefas. As atividades executadas são, geralmente, pontuais e não permitem um entendimento mais amplo do turismo. Nesse contexto, o estágio não possibilita ao alunos assumirem uma atitude indagadora, problematizadora, um olhar mais crítico sobre a realidade.

Nesse sentido, podemos pensar se o estágio realizado pelos alunos do curso de bacharelado em turismo está se constitui num elemento que integra o processo ensino-

aprendizagem, e pode se constituir num fator de aprendizagem significativa, uma possibilidade de problematização a partir da vida cotidiana?

O estágio, enquanto processo de ensino-aprendizagem, não se dá pelo emprego de ações isoladas, mas na capacidade de ser formulada uma direção geral com clareza de definição e propósitos.

Para Borges (2002), o estágio deve ser analisado como um momento de aplicação de habilidades, competências e conhecimentos, oportunizando a vivenciar situações complexas de ensino-aprendizagem, propor executar, avaliar, reformular e refletir sua atuação, apresentando alternativas de solução para seu desempenho no processo educativo.

Apenas um aluno que realizou o estágio em uma Secretaria Municipal de Turismo, destacou que “*o mais importante dessa experiência foi poder ver a dinâmica de uma Secretaria, confesso que achava que era mais fácil (...)*”. A acadêmica conseguiu entender a partir da prática a complexidade do fenômeno turístico.

Ansarah (2001) afirma que na educação universitária em turismo:

Infelizmente não existe hoje a preocupação voltada para a consciência crítica dos alunos, tampouco para o desenvolvimento do pensamento crítico, mas sim do imediatismo profissional, da sua experiência prática tão requisitada pelo mercado de trabalho. (ANSARAH, 2001, p. 13)

Em todos os relatórios os discentes destacam o estágio como uma possibilidades de vivenciar a prática da profissão. O estágio, em nosso entender não serve somente para proporcionar ao aluno experiência prática, mas, principalmente, para conhecer a realidade, relacionar teoria-prática, avaliar, problematizar, ou seja, para desenvolver uma prática reflexiva.

É preciso que o estágio realizado pelos alunos do curso de bacharelado em turismo da UFPel, possibilite alguma relação mais direta com a realidade social, em que a vivência represente uma relação de troca, de aprendizagem e de respeito.

Embora, o estágio curricular seja apresentado como elemento integrador entre teoria e prática, muitas vezes ele não traz benefícios nem para o aluno nem para a sociedade, ele acaba sendo somente o cumprimento da carga horária imposta pelo currículo.

Outra questão que aparece nos relatórios refere-se ao papel desempenhado pelo estagiário na instituição que acaba por realizar todo o tipo de atividade, muitas vezes não relacionadas com a área de formação. Buriolla (1995) reforça essa questão ressaltando que muitas vezes o estágio é um trabalho configurado como mão-de-obra barata, onde o aluno é explorado e quase não tem retorno. Muitas vezes o estagiário executa meramente atividades burocráticas.

Assim, algumas vezes, o exercício prático na formação profissional do aluno é desconectado da aprendizagem realizada em sala de aula. É necessário que a vinculação entre a instituição de ensino e o campo de estágio supere a relação meramente burocrática. Tem de existir uma articulação clara, bem definida. Uma relação pedagógica organizada, planejada, para que ambos entendam que o objetivo do estágio é a formação profissional do aluno. Assim, as instituições envolvidas devem realizar um esforço no sentido de superar a fragmentação e a desarticulação, pois é imprescindível que a vinculação entre a teoria e a prática esteja presente em todos os momentos da formação profissional do turismólogo, nas disciplinas do elenco curricular e nos estágios curriculares.

Cooper apud Trigo (1998) considera que a Indústria (do turismo) e educação precisam trabalhar juntas em uma parceria simbiótica, não apenas para fortalecer os recursos humanos da indústria, mas também para assegurar que o setor de viagens e turismo se torne cada vez mais profissional e respeitado.

Para Trigo (1998) é necessária a colaboração entre as instituições educacionais e o mercado para melhorar o nível de ambos.

Outra questão que aparece nos relatórios refere-se ao estágio como “possibilidade de interação com o mercado *“conhecer pessoas da área”*, vislumbrar *“possibilidades de trabalho”*, *“aprender a trabalhar em equipe”*, *“aprendizagens pessoais e profissionais”*.”

A atividade de estágio deve proporcionar a formação de profissionais enquanto pessoas e cidadãos. Assim, para Fávero (1995) é fundamental criar condição para que o futuro profissional entenda que se é importante ele ter consciência dos problemas, também é importante que ele seja capaz de propor alternativas para a sociedade brasileira.

Para Mizukami citado por Borges (2002, p. 121) “o homem se constrói e chega a ser sujeito na medida em que, integrado em seu contexto, reflete sobre ele e com ele se compromete, tomando consciência de sua historicidade.” Isso reforça a necessidade do estagiário interagir com a realidade, o que gera participação, criatividade, senso crítico e vivências pessoais significativas, que contribuem para a formação do cidadão.

O estágio deve orientar os estudantes a pensarem por si mesmos, de maneira independente, pois o desenvolvimento da percepção e do senso crítico é condição indispensável (mas de modo algum suficiente) para invenção e capacidade de resolver problemas.

A universidade se caracteriza como mediadora na efetivação de mudanças sociais. Na perspectiva da interação social, o estágio é um espaço vivo de interação, que afeta e é afetado por um e todos os participantes, não só numa perspectiva profissional, mas como uma forma de abrir caminhos a novas relações, não somente no campo estritamente acadêmico, mas também no social.

Convém salientar Trigo (2002, p. 21) quando diz:

devo lembrar que a academia não prepara profissionais apenas para o “mercado”, mas para a sociedade em geral, pois um país que possui os nossos índices de concentração de renda, violência, ignorância e corrupção precisa de conhecimentos mercadológicos sim, mas acompanhados dos conceitos de ética, educação integral, sustentabilidade e cidadania.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O estágio deve ser visto como parte de uma realidade concreta, suas funções devem ser pensadas levando-se em conta as exigências da sociedade, nascidas de suas próprias transformações em um mundo em constantes mutações e crises. O estágio, uma vez que possibilita a problematização, modifica a visão que temos das coisas e do mundo, se estivermos atentos e abertos para isso.

Percebe-se que o estágio em turismo, por sua própria natureza, pode ser o local de encontro de culturas diversas, de diferentes visões de mundo e esses conflitos situam-se na busca de elementos novos e mais adequados. É evidente que essa forma de agir exigirá melhor conhecimento e maior compreensão dos problemas da sociedade.

Conforme os relatórios, os estágios do curso de Bacharelado em Turismo da UFPel não vem oferecendo condições de aprendizagem prática, reduzindo-se a execução de tarefas pontuais, rotineiras e mecânicas, não possibilitando ao acadêmico um entendimento mais amplo do fenômeno turístico; não há clareza sobre o papel do estagiário nas instituições que acaba por realizar todo o tipo de atividade, configurado-se como mão-de-obra barata. Assim, é urgente a necessidade de se repensar essa prática, pois o estágio atualmente não vem se configurando como parte importante no processo de ensino-aprendizagem.



O estágio do curso de bacharelado em turismo não vem oportunizando os alunos a superar suas deficiências através da reflexão de sua própria prática, não promovendo a contextualização dos temas trabalhados e a formação do pensamento crítico e reflexivo a respeito das questões científicas e sociais. O estágio deveria permitir que o educando interpretasse os fenômenos turísticos e sociais de forma científica e crítica, propondo soluções para os mesmos.

O estágio do curso de turismo deve ser repensado afim de proporcionar ao estudante uma visão mais abrangente, e sobretudo mais crítica da profissão para a qual está se preparando, podendo proporcionar uma revisão das bases e pressupostos que presidiram à escolha dessa profissão.

Gondim (1996, p. 10) entende que “... a metodologia pedagógica estágio pode oferecer subsídios à revisão de currículos, adequação de programas e utilização de metodologias de ensino, de modo a permitir à instituição uma postura realística quanto à sua contribuição ao desenvolvimento da sociedade como um todo”.

O estágio, mais que uma etapa de formação para habilitar estudantes para atuar como profissionais no mercado de trabalho, deve participar na formação de estudantes para influir sobre a realidade onde irão atuar, numa perspectiva de mudança, a partir de uma visão crítica da realidade.

O estágio, como uma instância da prática reflexiva, uma vez que a teoria, ao fundamentar e orientar a ação poderá, a partir desta mesma ação, ser revista e reorientada, fazendo avançar o próprio posicionamento teórico-prático que o curso viabilizou. Esse posicionamento traduz um profissional comprometido com a ação de mudança e de transformação social. (BORGES, 2002).

## **BIBLIOGRAFIA:**

- ALARCÃO, I. (1996). *Formação reflexiva de professores: Estratégias de supervisão*. Porto: Porto Editora.
- ANSARAH, Marília Gomes dos Reis. Teoria Geral do Turismo. In.: ANSARAH, Marília Gomes dos Reis (org.). *Turismo: como aprender, como ensinar*. São Paulo: SENAC, 2001.
- BARRETTO, Margarita. *Manual de Iniciação ao Estudo do Turismo*. Campinas: Papyrus, 1995. (Coleção Turismo)
- BELLONI, Isaura. Função da Universidade: notas para reflexão. In: BRANDÃO, Zaia et. al. *Universidade e Educação*. Campinas, SP: Papyrus: Cedes; São Paulo: Ande: Anped, 1992. (Coletânea C.B.E.).
- BORGES, Zelma Santos. Estágio Curricular: atividade teórico-prática. In: QUADROS, Claudemir de., AZAMBUJA, Guacira. (orgs). *Formação de professores em serviços: a experiência da UNIFRA*. Santa Maria: UNIFRA, 2002.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. *Decreto nº 87.497*, de 18 de agosto de 1982.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. *Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Turismo*. 2002.
- BURIOLLA, Marta A. Feiten. *O estágio supervisionado*. São Paulo: Cortez, 1995.
- CAIRES, S. & ALMEIDA, L. S. (1997). Vivências e percepções do estágio: Adaptação à instituição e variáveis associadas. *Revista de Estudios de Investigación em Psicología e Educación*, 1, pp. 33-40.
- Child Development and Care*, 52, pp. 101-109.
- FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque. Universidade e Estágio Curricular: subsídios para discussão. In.: ALVES, Nilda (Org.). *Formação de Professores: pensar e fazer*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1995. (Questões da Nossa Época – Vol. 1)

- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GONDIM, Paulo R. G. Estágios: uma metodologia pedagógica. *Revista de Educação Agrícola Superior*. 14(2), 15-20, 1996.
- KULLOK, Maisa Gomes Brandão. Uma nova concepção de educação superior. In.: FERNANDES, Cleoni M. B. e GRILLO, Marlene (Orgs.). *Educação Superior: travessias e atravessamentos*. Canoas: Ed. ULBRA, 2001.
- NEVES, Clarissa Eckert Baeta. Funções Sociais do Ensino Superior Hoje. In.: BRANDÃO, Zaia et. al. *Universidade e Educação*. Campinas, SP: Papirus: Cedes; São Paulo: Ande: Anped, 1992. (Coletânea C.B.E.).
- PAVIANI, Jayme. *Problemas de Filosofia da Educação*. 3. ed. Caxias do Sul, EDUCS, 1986.
- PEREIRA, Otaviano. *O que é teoria*. São Paulo : Brasiliense, 1995.
- PIRES, C. (1998). Estagiar um verbo irregular. In *Notícias magazine*, nº 317; 21 de Junho.
- PRICE, D. A. (1987). The practicum and its supervision. In K. J. Eltis (Ed.), *Australian*
- RIBEIRO, Renato Janine. *A universidade e o mundo atual: Fellini não via filmes*. Rio de Janeiro: Campus, 2003.
- SANTOS, Márcia Maria Cappelano dos. *Texto Didático: propriedades textuais e pressupostos epistemológicos*. Caxias do Sul: EDUCS, 2001.
- Teacher Education in Review*. South Pacific Association for Teacher Education.
- TEIXEIRA, Rivanda Meira. Ensino Superior em Turismo e Hotelaria no Brasil: um estudo exploratório. *Turismo e Análise*. São Paulo: ECA/USP, v. 12, n. 2, nov de 2001.
- TOSCHI, Eny. Psicossociologia e Educação - A influência sociocultural nos processos mentais. *Cadernos de Psicossociologia e Educação*. Porto Alegre: UFRGS, (3) 7-16. 1996.
- TRIGO, Luis Gonzaga Godoi. *A Sociedade Pós-Industrial e o Profissional em Turismo*. Campinas: Papirus, 1998.
- TRIGO, Luis Gonzaga Godoi. Importância dos Cursos de Turismo. *Brasilturis Jornal*. 2ª quinzena de Setembro de 2002. p. 20-21.
- TURNEY, C. (1988). The practicum curriculum. *Journal of Teaching Practice*, 8 (1), p.3-14.
- VASQUEZ, A. S. *Filosofia da Práxis*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.
- VEALE, A. (1989). Becoming a teacher: Early childhood practicum experiences. *Early*